

Textos

Elisabeth Souza Ferreira

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 25/11/2014

Título : A maldição da cadeira

Categoria: Artigos

Descrição: Às primeiras horas da manhã, o bar da esquina em frente à Igreja permanecia fechado. O sol batia generosamente sobre a porta de madeira lascada.

Às primeiras horas da manhã, o bar da esquina em frente à Igreja permanecia fechado. O sol batia generosamente sobre a porta de madeira lascada. Uma janela estava com o vidro quebrado. Provavelmente, durante a noite, uma pedra isolada havia causado tamanho estrago. Os cacos brilhavam na calçada à espera de um pé descuidado.

O dono do botequim pôs a cara para fora, mostrando os cabelos em desalinho para a vizinhança. Esboçou um lindo sorriso amarelo para o primeiro freguês que tentava entrar. Seu Manoel recuou o pesado corpo, afastando-se da entrada. O baixote que forçava a passagem deu um tapinha amistoso na volumosa barriga do proprietário, enquanto este se entregava a um relaxado bocejo matinal. Os dois dirigiram-se ao enorme balcão dos fundos.

- Quero um trago, compadre! – exclamou o cliente.
- Já tão cedo? – retrucou o dono com a garrafa na mão.
- Pois é! O senhor sabe... A vida está difícil e a gente tenta esquecer as mágoas
- explicou o outro.
- Mas você está pretendendo afogá-las na cachaça e isso não resolve o seu problema. Não conseguirá livrar-se delas dessa maneira.
- Credo, Seu Manoel! Nem parece que o senhor é negociante. Está querendo convencer-me a não beber. Prefere perder meus trocados a ver-me um pouco mais feliz?
- Olha, Chico, eu só estou tentando evitar...
- Porque o senhor tem bom coração, não é? – atalhou o nanico, refestelando-se na cadeira – Eu sei que o senhor está preocupado comigo.
- Não, não estou. Como eu dizia antes, só estou tentando evitar que você vá ao chão. Estou sozinho agora que a patroa viajou. E você sempre cai, diz muita besteira e ainda faz mais sujeira que qualquer outro quando está de pinga. Portanto, se eu puder evitar que você me dê mais despesas, tanto melhor para mim! Desse jeito, não terei que recorrer a nenhuma mulher daqui da vila para limpar o assoalho. Elas sempre cobram muito!
- Puxa! – exclamou o freguês admirado – então, o senhor estava pensando só em si e eu que achei que o senhor fosse meu amigo...
- Eu não tenho amigos no bar, só interesses.
- Pois, dane-se! Eu vou encher a cara e, se o senhor negar-se a me servir, irei denunciá-lo junto às autoridades... – disse a miniatura de homem, passando a mão na garrafa que o dono colocara a sua frente, sobre a pequenina mesa.
- O baixote bebeu várias garrafas. Nada conseguia de- tê-lo. Entrava e saía gente do bar, porém o Chico continuava firme na sua inesgotável ânsia de beber. A cadeira na qual estava sentado rangia mais do que cama de recém-casados. Seu corpo já estava entorpecido e sua cabeça não parava mais em pé. Rodopiava ora sobre o ombro esquerdo ora sobre o ombro direito. Nunca, porém, deixava a cabeça descansar para baixo. Parecia temer uma queda. Por isso, fixava o olhar nas paredes, nas outras mesas e nas outras caras que olhavam para a sua. Imaginou que deveria estar charmoso, pois todos comentavam a seu respeito. Ele não ouvia, mas podia imaginar.
- Tudo transcorria bem até o momento em que o Seu Manoel pediu-lhe a cadeira. Explicou-lhe que ninguém poderia ficar o dia inteiro naquele bar, tirando o lugar de outros que chegavam de viagem ou que queriam fazer uma refeição mais completa.
- De repente, o Chico dirigiu-lhe um olhar atravessado, colocando-se aos berros. Gritou tanto até que todos os fregueses se retiraram atordoados pelo barulho. Muitos nem haviam pagado suas contas. Seu Manoel, enraivecido, telefonou para a polícia enquanto o bêbado praguejava em altos brados:
- Esta cadeira amaldiçoada vai dar-lhe um azar dana- do. O senhor verá, Seu Manoel! Queria tanto, esta porcaria, para dar a algum fedelho, de meia tigela, sentar em cima! Pois, fique com esta droga! Eu não preciso dela. E o senhor

fará de tudo para livrar-se dela e não conseguirá. Ela voltará ao senhor. Eu a amaldiçoo. Ninguém irá querer esta coisa estragada...

la continuar, mas os policiais o interromperam. Levaram-no preso, sem que manifestasse o menor sinal de resistência. Diante dos policiais fardados, tudo nele murchou. Até o vozeirão, a valentia e o que havia de mais precioso... Seu Manoel, indignado, cuspiu-lhe em pleno rosto empalidecido. Passou-se um mês. Nunca mais ninguém soube nada a respeito do Chico. Ele era sozinho. Sua esposa o abandonara para acompanhar um velho montado na grana. Seus filhos resolveram acompanhá-la.

Seu Manoel nunca fora de acreditar em pragas, muito menos em promessas de gente que bebe além da conta. No entanto, a cadeira amaldiçoada nunca era ocupada. Ninguém queria usá-la. Era estranho. Por mais que o bar enchesse, ninguém a tocava. Mesmo que ela fosse colocada diante de um freguês, sempre surgia algum embaraço e ela logo era trocada por outra. Seu Manoel experimentou mudá-la de lugar diversas vezes, pintou-a, lustrou-a e nada aconteceu. Intrigado, certa noite, quando fechou o bar, resolveu colocar a cadeira maldita no meio da rua. Queria que algum ônibus a quebras-se, a fim de que os lixeiros recolhessem os seus pedaços dentro do caminhão municipal que descarrega o lixo fora da cidade.

No dia seguinte, acordou com batidas desesperadas à porta do seu bar. Como morava nos fundos, arrastou o pesado corpo até a porta da rua. Atendeu. Era o vizinho que lhe havia salvo a cadeira de um atropelamento. Voltou a colocá-la em um canto do salão. Insistiu. Mesmo assim, ninguém a ocupava.

– Droga! - exclamou em pensamento. Tinha que haver um jeito de se livrar daquela maldição.

Enfiou uma roupa e saiu às pressas, não sem antes mandar sua companheira levantar-se e tomar conta do bar até seu retorno. Foi à procura de uma pessoa que comprava e vendia móveis usados na redondeza. Ofereceu sua cadeira. A mulher, dona do negócio, estranhou. Conhecia o Seu Manoel há muito tempo e não entendia o motivo que o levava a tentar se desfazer de algo tão útil. Depois de muita conversa fiada, Seu Manoel convenceu a comerciante a ficar com a maldita cadeira. Pagou um moleque de rua para transportar o objeto até a loja da mulher, que lhe pagara adiantado. O menino não hesitou em dar uma passadinha pelo bangalô onde vivia com a família numerosa. Todos se surpreenderam ao vê-lo entrar com aquilo em cima da cabeça.

– Onde conseguiu isso, mano? – inquiriu o irmão menor.

– Ganhei de um bobo - respondeu com desdém –

Trouxe para a minha avó ter onde sentar-se.

– Oh, como ele é querido! Lembrou-se da vó Dadá! – elogiou-o a própria beneficiada, sentando-se sobre o prático presente. – Ah, mas isto é uma belezinha. E cômoda, também. Obrigada, querido! Você tem um coração do tamanho do mundo.

O garoto, sentindo-se orgulhoso, saiu para as ruas novamente. De agora em diante, teria cuidado para não passar mais por aquele velho botequim de onde retirara a cadeira. Entretanto, naquela mesma noite, a velha vó faleceu vítima de um ataque cardíaco. Local: sobre a cadeira que seu neto lhe trouxera da rua.

Segundo a superstição da família, seria necessário levá-la para bem longe, já que se tornara um símbolo de mau agouro. Resolveram trocá-la num acampamento cigano por alguns trocados.

A cadeira, então, foi enfeitada com fitas coloridas, lenços e outros adornos. À noite, uma jovem cigana iria casar-se com um rapaz alto e elegante, cuja voz encantava a todos os que o ouviam cantar. Quando a lua despontou no céu, a cerimônia terminou e deram início à festa que se estenderia por três dias. Tudo corria bem até o momento em que os noivos resolveram banhar-se em um rio. Subitamente a jovem pareceu afogar-se. O rapaz correu em seu socorro, mas nada foi possível fazer. A moça estava morta. Foi uma tristeza geral. Ninguém sabia o que tinha acontecido. Uma cigana mais experiente concentrou-se e sentiu que aquela cadeira onde a jovem sentara havia sido amaldiçoada. Combinaram que deviam vendê-la. Não queriam mais essa maldição por perto. Um cigano musculoso tomou-a nos braços e saiu em busca de alguém que quisesse comprá-la. Conseguiu vendê-la para um homem idoso. O ancião colocou-a no jardim de sua casa, próximo às roseiras. Não demorou muito para que as flores murchassem e o velho morresse. Os seus herdeiros não quiseram saber da cadeira. Doaram-na para um asilo distante.

No asilo, desde que a cadeira maldita chegara, os velhos e as velhas viviam doentes. Suspeitaram de uma energia negativa que a cercava e a deram como recordação para um idoso cuja família fora buscá-lo. Quando chegou em casa, foi recebido pelo novo jardineiro. Seu nome era Chico, um sujeito de passado duvidoso. Acabara de cumprir pena e pedia uma chance à sociedade. Foi ele que pegou a cadeira juntamente com o restante da mudança do bondoso ancião. O velhinho pediu-lhe que a colocasse no jardim e Chico obedeceu. A tarde estava linda, ensolarada. Quis experimentá-la. Não a reconheceu. Seu Manoel a havia pintado. E mesmo o Chico não se lembrava da maldição que lançara à cadeira.

No dia seguinte, o corpo do jardineiro foi encontrado imóvel, sentado na cadeira maldita. Chico estava morto, vítima da própria maldição. E, com ele, acabara a maldição. O encanto quebrou-se. Desse dia em diante, a cadeira nunca mais fez mal a ninguém. Suas vibrações se transformaram em paz e amor, alegria e saúde para todos.

Seu Manoel, o proprietário do bar, nunca mais voltou a vê-la. A maldição havia terminado e ele não sabia.

Data : 31/12/2008

Título : Autoridade

Categoria: Artigos

Descrição: Ninguém fica eternamente no mesmo lugar.

Autoridade

A autoridade não é algo que se impõe, mas que se conquista ao longo do caminho.

Quem grita pode até ser ouvido com nitidez, porém nem sempre será atendido prontamente em seus apelos.

Quem franze a testa pode até intimidar quem se encontra em meio a um burburinho, mas isso nem sempre irá significar uma vitória sobre o pensamento alheio, que prossegue na sua agitação mais íntima.

Quem faz uso da violência física, para dominar os mais fracos, não tem noção da sua ignorância e covardia diante da grandiosidade de um coração bondoso e compassivo, que ganha os outros pela força do amor e não pela influência da guerra.

Quem dá ordens rispidamente pode até ver seus desejos obedecidos de imediato, todavia isso nem sempre representa a fraqueza de caráter de um povo, mas a ilusão do tirano que não se dá conta do quanto é odiado pelo mesmo.

Quem comanda uma batalha pode até acreditar que esteja fazendo alguma grande limpeza nos ideais contraditórios de quem não compartilha os seus mesmos objetivos, entretanto, costuma enganar-se a si mesmo, ao criar a falsa expectativa de ter calado para sempre a voz da multidão.

Quem está no poder até pode sonhar com a continuidade da sua situação de conforto e estabilidade, contudo, a impermanência de tudo e de todos poderá transformar os seus agradáveis sonhos em terríveis pesadelos.

Ninguém fica eternamente no mesmo lugar.

Agora podemos estar ao pé de uma grande montanha. Amanhã poderemos estar escalando essa mesma montanha, que nos apresentará os mais diversos graus de dificuldade para a sua travessia. Num futuro mais distante, chegaremos ao pico dessa montanha. Mas, para tanto, precisaremos tomar cuidado no decorrer da nossa missão. O vento poderá soprar forte demais sobre nós, tentando nos derrubar. As necessidades vão aumentando com o passar do tempo.

Cabe-nos a tarefa de não criarmos necessidades além das que já nos são naturais.

Se continuarmos em frente, poderemos ter a certeza de que um dia chegaremos lá. Se olharmos para baixo ou para trás, poderemos cair e nos machucar. Se pararmos, não chegaremos a lugar nenhum. E, ainda que fiquemos parados, seremos obrigados a mudar de posição de quando em vez, porque o mundo não pára. O Universo está em constante movimento. E, quer queiramos ou não, estaremos sempre ocupando as mais diversas posições na vida. Um pouco mais à direita ou à esquerda. Um pouco mais acima ou abaixo. Um pouco longe e um pouco próximo das pessoas queridas. Um pouco sozinhos e um pouco acompanhados. Um pouco com saúde e um pouco com algum tipo de enfermidade. Um pouco carregados de energia e um pouco enfraquecidos pelo

desânimo. Um pouco sábios e um pouco ignorantes. Um pouco obscurecidos e um pouco iluminados. Um pouco sonolentos e um pouco despertos. Mas, a autoridade, em toda e qualquer circunstância da vida em que nos alcançar, deverá ser exercida sem apego, para que todos nós possamos nos beneficiar.

A autoridade é força com doçura. É paciência com sabedoria. É amor e compaixão na condução de todos em direção à luz. Sem amor, toda e qualquer autoridade será uma mera ilusão. Uma lição em branco nas páginas da vida real.

da revista Água da Fonte n° 06

Data : 30/04/2006

Título : Aversão e amizade

Categoria: Artigos

Descrição: A pessoa que mais nos irrita é a que mais se nos assemelha, porque funciona como um espelho.

Aversão e amizade

ELISABETH SOUZA FERREIRA

A pessoa que mais nos irrita é a que mais se nos assemelha, porque funciona como um espelho. Reflete tudo o que somos e o que, inconscientemente, queremos eliminar da nossa vida. Mas, o objeto da nossa aversão nunca nos é colocado, por acaso, a nossa frente.

Quando gostamos de alguém, sentimos que a outra pessoa nos completa - que tem tudo de bom para nos oferecer - encaixamo-nos perfeitamente a ela como se fôssemos peças de um mesmo quebra-cabeça. E, é aí que nos enganamos, achando que somos iguais. Mas, na verdade, somos bem diferentes, porque o que falta lá, excede aqui e o que excede nela, falta em nós. Por isso, temos a satisfação de ficarmos juntos. Estas pessoas nos fazem bem. Massageiam nosso ego o tempo todo, porém não nos tornam melhores do que somos. No entanto, as pessoas que detestamos, pelo fato de terem muitos aspectos da personalidade semelhantes aos nossos, parecem nos fazer mal, causando-nos desconforto - até o simples olhar delas nos incomoda; a presença delas é um estorvo - parecem não ter nada para nos acrescentar à vida e não têm nada mesmo além do que já temos. Elas apenas refletem o que somos - são elas que se parecem conosco - o que tem do outro lado também tem aqui deste lado. E

isso nos irrita. E o mesmo que nos observar no espelho pela manhã: os cabelos despenteados, os olhos inchados - isso nos incomoda. Contudo, é assim que somos. Os nossos "inimigos" nos fazem ver como realmente somos e não como gostaríamos de ser. Passamos a odiá-los, entretanto, estamos sentindo repulsa pelos aspectos negativos que temos. Quando damos as costas para essas pessoas, estamos perdendo uma valiosa oportunidade de crescimento. Se os encontros são esporádicos é o mesmo que observarmos a nossa imagem refletida nas vitrines por onde passamos, muitas vezes sem prestarmos a devida atenção. Estamos apenas dando uma olhadela no que não gostamos. O que temos em nosso coração nos está sendo mostrado como um trailer de filme.

Se tivermos que conviver com alguém de quem não gostamos, não só precisaremos saber o que precisa ser corrigido em nós mas também deveremos aprender a nos corrigir. Somente essa pessoa poderá nos ensinar – ela nos mostrará como realmente somos. Não aprenderemos a lição se nos afastarmos dela. Não será com agressões que a eliminaremos da nossa mente. Ela até poderá ir embora para muito longe, deixando assim de cumprir o seu papel de nos ensinar a aprender conosco. Porque essa lição é mútua. Não somos apenas nós que devemos aprender, mas ela também, porque nós temos algo para ensinar-lhe. Quando temos conexões cármicas, o carma só se elimina ficando junto. Quanto maior for a antipatia, mais coisas temos a aprender com quem antipatizamos.

Poderemos ter a certeza de que estamos aprendendo a nos corrigir, quando começamos a ver que o outro não é tão ruim quanto os nossos sentidos nos faziam perceber anteriormente, quando perdermos a vontade de falar mal dele, quando não desejamos mais vê-lo pelas costas. O importante é ver que esse alguém que detestamos é igual a nós, por mais que não identifiquemos de imediato as semelhanças e que, como nós, também tem direito de seguir em frente, aprendendo sempre mais com os prazeres e os dissabores que cada nova existência tem para nos apresentar.

(Elisabeth Souza Ferreira é membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista

Água da Fonte nº 4

Data : 30/11/2013

Título : Centenário do Centro de Letras do Paraná

Categoria: Artigos

Descrição: O Centro de Letras do Paraná foi fundado em 19 de dezembro de 1912 por Euclides Bandeira e Emiliano Pernetá, no centro de Curitiba.

ELISABETH SOUZA FERREIRA

O Centro de Letras do Paraná foi fundado em 19 de dezembro de 1912 por Euclides Bandeira e Emiliano Pernetá, no centro de Curitiba.

A partir de então, e com sede própria, passou a oferecer abrigo a outras entidades congêneres, formando assim um corpo associativo que ultrapassou nos últimos tempos, mais de três centenas de sócios. Possui uma Biblioteca com mais de vinte mil títulos, sendo que a maioria pertence a autores paranaenses.

O Centro de Letras promove todas as semanas saraus literários acompanhados pelo chá de confraternização aos seus membros e visitantes. Patrocina concursos e obras literárias e artísticas, produzindo semestralmente a Revista O Cenáculo.

No ano passado, mais precisamente em 4 de dezembro de 2012, ingressei no Centro de Letras do Paraná, juntamente com mais 28 pessoas dos mais diferentes estados brasileiros, tornando-me membro correspondente desta importante entidade cultural. Na ocasião dos festejos do centenário, tomamos conhecimento da futura publicação de uma obra que estava sendo organizada sobre a história do CLP, desde a sua fundação até os dias de hoje, apresentando o histórico de cada Patrono e de todos os Ex-Presidentes que passaram pelas mais diferentes décadas de cultura.

Finalmente agora, em 25 de junho de 2013, comparecemos ao Centro de Letras do Paraná para o lançamento oficial da tão esperada obra “Um Século de Cultura”, mas jamais imaginávamos que o tal livro pesaria 3kg, sendo 500 páginas ricamente ilustradas e revestidas por uma capa dura, uma verdadeira obra de arte, um álbum para ser guardado com todo o carinho e cuidado para as futuras gerações. Somente quem conseguiu aproximar-se do tal “livro” pode compreender os diversos adiamentos que houve desde o início do ano para a sua publicação. Faltaram recursos para tanto, mas graças ao patrocínio dos Colégios Maristas, Banco Bradesco, Itaipu Binacional, UNIBRASIL (Faculdades Integradas do Brasil), Livrarias Curitiba e aos prezados cidadãos Florlinda Andraus, Maria de Lourdes Araújo Canet e Joel Malucelli foi possível a concretização desse sonho para o engrandecimento do Estado do Paraná.

Sinto-me honrada por fazer parte desta importante e antiga entidade cultural de Curitiba tanto quanto tenho orgulho da nossa Academia Passo-Fundense de Letras, duas casas que me acolheram de braços abertos desde o início e me incentivaram a criação literária, valorizando-me como pessoa que ajuda a fazer cultura na História do nosso tempo.

(Elisabeth Souza Ferreira é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 07/08/2007

Título : Cervejarias Serrana, Continental e Brahma

Categoria: Artigos

Descrição: Passo Fundo teve a sua origem ligada ao transporte, porque era local por onde os tropeiros cortavam caminho no Planalto Médio para chegar à Feira de Sorocaba, em São Paulo.

Elisabeth Souza Ferreira (*)

Passo Fundo teve a sua origem ligada ao transporte, porque era local por onde os tropeiros cortavam caminho no Planalto Médio para chegar à Feira de Sorocaba, em São Paulo. A agricultura se revelava como uma das principais forças da economia em formação.

A ferrovia ligava o Sul ao Centro do país. Os fazendeiros paulistas também se deslocavam até aqui para negociar.

Dentre os muitos tropeiros de mulas que passavam por Passo Fundo, oriundos dos mais diversos lugares, estava o jovem Mário Borges Thevenet, morador de Uruguaiana, que trazia seus animais para um repouso merecido nos muitos campos espalhados da região antes de seguir viagem em direção ao Planalto Paulista. Foi assim que ficou conhecendo a cidade e se apaixonando por sua localização. Decidiu-se a fixar residência na cidade que na época já dispunha de várias casas comerciais, madeiras e moinhos de arroz, trigo e milho. Havia também uma cervejaria artesanal, pertencente a João Corá que abastecia todo o mercado, de Santa Maria a Marcelino Ramos. Ele importava a cevada da Argentina e o lúpulo da Tchecoslováquia. Esse último vinha enrolado em linho. As garrafas de cerveja eram transportadas em caixas de madeira e, às vezes, até empalhadas com palha de cevada quando se tratava de uma viagem mais longa. Era a forma rudimentar encontrada para protegê-la contra as intempéries e o atrito dentro dos trens ou mesmo em cima das carroças. Foi assim até a chegada de um técnico cervejeiro europeu, chamado Walter Barbieux, filho de Jorge Barbieux, que fixou residência no município em 1915. Casou-se com Leofrida, uma das filhas de Mário Borges Thevenet. Adquiriram, então, a Cervejaria Serrana, de Bramatti e João Corá, e apostaram no seu crescimento, ampliando-a até a produção da cerveja Gaúcha.

Em 1918, Walter Barbieux seguiu em direção à Europa, dedicando-se ao seu aperfeiçoamento cervejeiro em Hamburgo, entre 1919 e 1925. Em 1926, resolveu ampliar ainda mais a sua cervejaria, importando uma caldeira que desembarcara em Porto Alegre e chegara de trem a Passo Fundo. O transporte da caldeira exigiu o auxílio de dois caminhões para puxá-la à frente e segurá-la atrás. Essa operação despertou a curiosidade das pessoas simples da época.

Pouco a pouco, a cervejaria artesanal passou a ser industrial. Produzia, além da cerveja, guaraná e limonada gasosa.

O guaraná vinha em tonéis do Amazonas. A limonada era produzida com limão natural de Marcelino Ramos. Todos os produtos eram naturais, com água pura de um poço artesiano. O limão era pasteurizado e acondicionado em garrafas de vidro. Apenas na água de soda é que se fazia uso de um produto químico, o sódio. Além da cerveja Serrana, também se produzia a Cervejinha Preta Gauchita.

Não havia água encanada para os habitantes de Passo Fundo nesse período. Portanto, o poço artesiano da cervejaria, forneceu água para muitas pessoas que a buscavam quase sempre nos meses de seca. Walter e Leofrida Barbieux possuíam um sócio chamado Otto Bade que acabou vendendo a sua parte para a Cervejaria Continental e, em 1945, acabaram vendendo-a totalmente para a Cervejaria Brahma.

A Cervejaria Brahma acompanhou o desenvolvimento do município, deixando na memória de todos os passo-fundenses a lembrança do famoso apito da fábrica que tocava diariamente, marcando o horário do almoço e o do final do expediente, bem como da chegada do Ano Novo por muitas e muitas décadas. Foi um dos principais símbolos de Passo Fundo.

Data : 30/11/2012

Título : Destino

Categoria: Artigos

Descrição: Nem todos nascem em berço de ouro nem são criados em redoma de vidro.

ELISABETH SOUZA FERREIRA

Nem todos nascem em berço de ouro nem são criados em redoma de vidro. Mas todos são abençoados com a graça da vida e uma longa estrada para trilhar.

Ninguém consegue viver sozinho. Cada pessoa faz parte de um grupo por um determinado período.

A família é uma escola, onde se permanece apenas pelo tempo que se fizer necessário à aprendizagem individual. Quando um jovem se torna adulto, aprende a ficar em pé e a andar com as próprias pernas, muito embora o vento nem sempre lhe seja favorável.

Amizades se estabelecem e outras tantas se perdem, ao longo do caminho. Saber colocar-se no lugar dos outros, às vezes, amplia a capacidade de compreender-se a si mesmo.

Os laços de consanguinidade nem sempre garantem uma afinidade perfeita.

Cada pessoa é uma alma em evolução. As regras sociais existem para limitar as ações humanas.

Nem todos se submetem às limitações impostas pela sociedade. Mas, pelo menos, alguns preferem não infringilas, conservando-se obedientes diante da Lei.

Do mundo nada se leva. Nem mesmo o próprio coração. O único bem real que continua eternamente vivo, são os sentimentos.

O único mandamento verdadeiro é o amor. O amor é a energia divina que está em toda parte.

“Ainda que eu fale a língua dos homens, se não tiver amor, nada serei”. O amor é a lei máxima.

Quem ama perdoa, tolera, respeita e não usa de maldade com ninguém.

“Ainda que eu dê todos os meus bens aos pobres, se não tiver amor, de nada me adiantará”.

Quando se pensa já não ter mais nada para ver, eis que pode surgir ainda mais uma rosa no jardim aparentemente sem vida.

Se a natureza sem par coloca um simples botão no meio da estrada, isso deve ter alguma finalidade. Seu caule pode ferir com seus espinhos as mãos de quem os pega, mas as mãos corajosas que o seguram, ainda que machucadas, saberão conservar o seu perfume.

Não é por acaso que se encontram certas coisas ou pessoas, na longa trajetória da existência.

Há pessoas que passam sem deixar rastros. Há outras que marcam para sempre...

Ainda que se busque uma explicação plausível para certos encontros, eles fazem parte do destino que cada um tem para cumprir.

Driblando os preconceitos, desviando os obstáculos intransponíveis, os que se amam seguem vivendo com amor.

O elo espiritual é mais forte que qualquer compromisso material. Quando uma pessoa faz parte do destino de outra, de nada adianta fugir...

Ela continuará firme diante dos olhos que não querem vê-la.

Ela continuará agarrada aos pensamentos de quem não deseja nela pensar. É fácil identificar quem faz parte, quem se torna fundamental.

Quem surge distribuindo promessas felizes.

Quem transmite paz.

Quem pensa junto.

Quem fala sem esforço para se fazer entender.

Quem ama pelo simples prazer de amar.
Quem sofre calado e chora escondido, para o outro não ver...
Quem espera indefinidamente um novo amanhecer.
Quem se enche de ternura na presença de quem ama.
Enfim, o destino aponta o caminho.

(Elisabeth Souza Ferreira é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/04/2012

Título : Discurso de encerramento de gestão

Categoria: Discursos

Descrição: É chegado o dia em que oficialmente encerramos a Gestão 2010/2011 e marcamos o início da Gestão 2012/2013

ELISABETH SOUZA FERREIRA

É chegado o dia em que oficialmente encerramos a Gestão 2010/2011 e marcamos o início da Gestão 2012/2013, sob a Presidência do Acadêmico Osvandré Lech e sua nova Diretoria, eleita em 17 de dezembro de 2011, na Academia Passo-Fundense de Letras.

Quando eu fui eleita Presidente desta Casa, em 19 de dezembro de 2009, não imaginava quão grande seria a minha responsabilidade diante dos meus confrades e congreiras e, principalmente, a importância do papel que estava assumindo na comunidade passo-fundense, representando a maior entidade cultural nesta cidade, que é considerada a Capital Nacional da Literatura. Muito pouco sabia a respeito do sodalício, pois frequentar de vez em quando ou até mesmo com uma certa assiduidade uma instituição, não gabarita ninguém a administrá-la de uma hora para a outra. Ao assumir o cargo de presidente, passei a me inteirar de vários assuntos que não são tratados nas reuniões ordinárias acadêmicas e, pouco a pouco, fui percebendo que não estava diante de uma tarefa fácil. Eram problemas sérios que precisavam ser resolvidos, e não apenas a tão somente, o cumprimento das obrigações sociais que são vistas pela maioria dos frequentadores. O trabalho mais difícil é aquele que ninguém vê, a não ser depois de tudo pronto e apresentado. Tomar decisões não é fácil. Ainda mais quando se está cercado por pessoas tão diferentes e com potenciais diversos, que ora nos incentivam, ora nos criticam, porque não fizemos a escolha que elas gostariam que aceitássemos.

Eu sei que não agradei a todos, mas também nem tinha essa pretensão, pois isso é impossível de se conseguir em sociedade. Perante certas oposições encontradas no decorrer de minha gestão, tive que me impor, porque senão ficaria muito difícil chegar até aqui e apresentar uma relação de benfeitorias que estamos deixando nesta casa. Porém, para os meus confrades e confreriras que acreditaram em mim, que nunca duvidaram da minha capacidade de fazer o melhor pela Academia, continuei sendo a mesma pessoa de sempre, a mesma amiga e confidente.

Nunca deixei o cargo da Presidência subir a minha cabeça. Porque tudo o que começa, um dia termina. E a Presidência da Academia não é um cargo vitalício. Estou passando hoje a Presidência para o meu sucessor, o acadêmico Osvandré Lech que me havia convidado para fazer parte do quadro acadêmico da nova Diretoria, ao qual agradei, mas recusei porque acho que, depois de um período no comando de uma instituição como esta ou outra qualquer, não se deve permanecer, justamente para que sejam cortados os vínculos com o passado e seja dado o início de uma nova etapa, no desenrolar do histórico acadêmico. Continuarei frequentando e honrando a Academia Passo-Fundense de Letras. Acredito muito na capacidade dos novos acadêmicos empossados por mim em outubro de 2010, no primeiro ano de minha gestão. É bom que conservemos os confrades que continuam produzindo textos, publicando obras e enriquecendo a nossa Academia. Serão sempre um grande orgulho e honra para nós. Todavia, é melhor ainda renovar o quadro acadêmico, colocando gente nova, sangue novo que traga ideias mais novas ainda e que possa fazer muito mais pelo sodalício do que já fizemos até agora.

Quero deixar um agradecimento especial a minha querida vice-presidente, Santina Rodrigues Dal Paz, porque se revelou uma grande companheira, amiga leal de todas as horas, como nunca pensei que seria. Fiz a escolha certa. Ela nunca me decepcionou. Um verdadeiro anjo, uma verdadeira mãe. Agradeço a minha Diretoria que me apoiou em várias decisões, pois sem o seu apoio ficaria ainda mais difícil realizar certas atividades.

Chego ao final desta gestão com a certeza de que deixamos a nossa marca aqui ou acolá, dando um toque feminino ao ambiente, desde a decoração definitiva do auditório, à aquisição de cadeiras novas para o mesmo, bem como a confecção das plaquinhas em aço com os nomes de todos os que ajudaram a comprá-las; a iniciativa de bordar na toalha da mesa principal os nomes dos acadêmicos que ainda nela não constavam; a implantação da pelerine como parte integrante da nossa indumentária acadêmica; a organização de um espaço no hall de entrada com TV e DVD, para os visitantes que quiserem assistir a alguns vídeos sobre a Academia; a organização da biblioteca; além de uma atividade totalmente nova no meio acadêmico que foi a arrecadação de alimentos não perecíveis, brinquedos, roupas e calçados para que fossem distribuídos às pessoas carentes de nossa comunidade, inclinando a Academia a cumprir um papel social e não somente cultural. Iniciativas simples mas possíveis de serem realizadas.

Desejo ao novo Presidente que faça a sua gestão conforme o que ele pensa e acredita, pois uma gestão não só é como deve ser, diferente da que a antecedeu, procurando realizar o que for possível e melhor para a Academia Passo-Fundense de Letras.

Muito obrigada!

(Elisabeth Souza Ferreira é membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Foi presidente da gestão 2010/2011.)

Data : 31/05/2011

Título : Discurso de posse na presidência da APL

Categoria: Discursos

Descrição: Durante muito tempo escrevi para o Jornal Diário da Manhã. Meus escritos sempre foram embalados pelo cunhomístico.

Discurso de posse na presidência da APL

ELISABETH SOUZA FERREIRA

Durante muito tempo escrevi para o Jornal Diário da Manhã. Meus escritos sempre foram embalados pelo cunhomístico. O que agradava muito aos leitores. Porque é justamente isso que as pessoas buscam. Elas querem algo que as conforte: que as estimule; que lhes dê coragem de seguir em frente. Assim, fui reunindo um número considerável de textos. Até que formei o meu primeiro livro, em 1989: Conquistas do coração.

O Dr. Diógenes Martins Pinto, proprietário do Jornal Diário da Manhã, sugeriu-me o ingresso na Academia Passo-Fundense de Letras, uma vez que eu já tinha uma obra publicada em mãos. etodos os requisitos para tentar uma vaga neste sodalício. Afinal, tentei e fui aceita, passando pelo crivo dos confrades que me antecederam.

Em 1992, lancei o meu segundo livro: Muito alem do arco-íris.

Em 2006, o terceiro: Uma luz em terras africanas. E, em 2009, o tragicômico Humor com pimenta, meu quarto livro.

Quando eu ingressei na Academia Passo-Fundense de Letras, em 1989, o presidente Octacílio de Moura Escobar olhou para mim e disse: "Um dia tu serás presidente destacasa". E eu repliquei: "Não! Não gosto de falar em público. Jamais seria escolhida por quem quer que fosse!" E ele insistiu: "Tu serás! Eu tenho certeza!" Passaram-se mais de vinte anos. E eu umica tinha me imaginado na presidência. No final do ano passado, uma confreira me disse que eu deveria candidatar-me. Não levei a sério. Depois disso, surgiu um confrade que me falou

o mesmo, mas num tom de brincadeira. Surgiram outros. E mais outros. O que me levou a pensar no que eu poderia fazer como presidente. Comecei a ter idéias. E a vontade de colocá-las em prática. Resolvi falar em candidatura. Nunca tinha participado antes de uma eleição. Uma vez decidida, entrei com convicção. Fui percebendo que as pessoas estavam me apoiando e me incentivando a concorrer. Assim, cheguei onde estou. Com os pés no chão. Sem sonhos mirabolantes. Sem projetos de difícil execução.

Estes dois últimos anos como primeira secretária da Academia me credenciaram pelos meus feitos simples em prol do cargo que ocupei. Colocaram-me a par dos problemas que enfrentamos no dia-a-dia. Acompanhei a luta do meu antecessor. Paulo Monteiro, que pouco a pouco, foi desbravando a mata cerrada, até conduzir-nos a uma imensa clareira. Eu vi a Academia se abrir para o povo. E o povo abrir portas e mais portas, convidando-nos para entrar. Espero dar continuidade ao trabalho democrático iniciado há dois anos. Oferecer a Academia ao povo. Dedicar a Academia à cultura. Porque cultura é vida. E vida é cultura.

Não sou mulher de muitas palavras. Mas, quem me conhece, sabe, que eu sou uma pessoa de muitas iniciativas. Não tenho medo de tomar decisões. Aceito sugestões e críticas construtivas. Tudo será analisado por mim e pela diretoria da Casa.

Espero não desapontar aqueles que votaram em mim! Mas, principalmente, espero surpreender aqueles que não me deram crédito. Se a gestão anterior foi a de transição, a minha deverá ser a do desafio, provando que uma mulher também pode ter uma capacidade extraordinária para administrar uma casa de cultura como a nossa, mas, principalmente, oferecer um grande coração para conduzir os confrades numa mesma e unida família.

Muito obrigada!

Passo Fundo. 23 de fevereiro de 2010

Da Revista

Água da Fonte

31/05/2011

Data : 25/11/2014

Título : Esmolas

Categoria: Artigos

Descrição: O sol já brilhava forte, iluminando o céu claro e de poucas nuvens.

O sol já brilhava forte, iluminando o céu claro e de poucas nuvens.

Lá embaixo, o pobre homem esmolava nas ruas. Puxava a perna doente para caminhar. O calor escaldante aumentava assustadoramente, arrancando-lhe bagas de suor do corpo inteiro. Estendia a mão para cada um que passava na calçada.

Uma mulher que tentava morder um sanduíche, na saída de uma lanchonete, teve a sua dentadura quebrada ali mesmo. O mendicante que a tudo observava atento, arrastou-se até lá, apanhando o aparelho da faminta que caíra próximo à sarjeta.

A coitada estava com a boca murcha e enrugada. Tapou-a com as mãos, fugindo cheia de pavor. O alimento também caíra ao chão. O homem apertou aquele pão fofo, esguichando um creme apimentado e amarelo na sua cara. Limpou-se como pôde e passou a comê-lo. Feito isso, a sua barriga já não roncava tanto quanto antes, apesar de sentir que havia muito lugar ali dentro para ser preenchido com comida. Com as mãos sujas, tentou um desenho bizarro na vitrine de uma loja.

A balconista impaciente pediu-lhe que deixasse o caminho livre para as pessoas passarem.

O esmoleiro continuou, até que um balde de água gelada o apanhou em cheio pelas costas. Virou-se para ver quem o molhara daquele jeito e percebeu um funcionário da firma ao lado com um recipiente pingando. Então, pensando em ofendê-lo, o andarilho mostrou-lhe a língua esbranquiçada e saiu dali.

Mais adiante, deparou-se com um bar convidativo. Entrou e, quando ia pedir um pouco de leite, alguém o agarrou pelo pescoço, retirando-lhe a pontapés para fora. Já estava acostumado com aquelas cenas violentas mas, mesmo assim, derramou copiosas lágrimas.

Um sujeito que passava perguntou-lhe:

- Escute, você aceita cheques? Eu só tenho cheques. E estou disposto a ajudá-lo.
- Barbaridade, se aceito! – gaguejou o pedinte, enxugando o rosto e procurando fitar melhor o seu benfeitor.
- Tome! – disse-lhe o cidadão espremido em um paletó de linho.

O esmoleiro pegou rapidamente o cheque que o outro lhe estendera. Tão contente ficou que nem se lembrou de agradecer pelo mesmo. Em vão, olhou para o papel rabiscado. Não sabia ler nem escrever. Encaminhou-se para um grande banco da rua paralela. Era segunda-feira e, como de costume, havia enorme fila. Bastou ele se colocar atrás do último cliente para que todos os olhares se voltassem na sua direção.

O gerente pediu para o guarda afastá-lo.

Não demorou muito para que o infeliz fosse logo convidado a sair.

– Espere! Eu tenho um cheque para trocar – explicou ao baixote que o carregava meio erguido.

O outro parou desconfiado.

– Deixe-me ver isso aí – disse em altos brados. E, arrancando-lhe o cheque das mãos, pôs-se a analisá-lo.

– Não estou gostando nada disto. Onde foi que você roubou este cheque? – interpelou o segurança.

– Moço, eu não o roubei. Eu o recebi de um homem que passava nas imediações – tentou justificar.

– Que nada! Você o roubou e irá agora mesmo explicar isso para o delegado – replicou o empregado do banco.

Colocaram o pobre homem dentro de um camburão da polícia e lá se foram direto para a delegacia. Lá chegando, enfiaram-no em uma cela. Permaneceu ali durante dois dias, até que o delegado o soltou repentinamente.

Ignorando o porquê daquela atitude, resolveu questionar a autoridade sobre isso. Ao que ela respondeu-lhe:

– Bem, por que eu haveria de mantê-lo prisioneiro por causa de um cheque sem fundos?

Data : 07/08/2007

Título : Guerra do Paraguai

Categoria: Artigos

Descrição: Uma esquadra brasileira encontrava-se entre os rios Paraná e Paraguai quando, repentinamente, surgiu a sua frente uma flotilha paraguaia com 2.500 homens distribuídos entre duas corvetas, sete vapores e seis chatas com 44 canhões a bordo.

Elisabeth Souza Ferreira (*)

Uma esquadra brasileira encontrava-se entre os rios Paraná e Paraguai quando, repentinamente, surgiu a sua frente uma flotilha paraguaia com 2.500 homens distribuídos entre duas corvetas, sete vapores e seis chatas com 44 canhões a bordo. Era domingo, 11 de junho de 1865, quando iniciou-se uma das maiores batalhas navais do continente. O violento combate teve mais de dez horas de duração.

O Paraguai possuía o maior e o mais poderoso exército do continente e vinha se preparando há anos para um conflito armado. O seu ditador, Francisco Solano López, ambicionava tornar o seu país uma grande potência. E isso se chocou de frente com os interesses do Império brasileiro.

Nos quatro anos seguintes à Batalha do Riachuelo, Brasil, Argentina e Uruguai se uniram pelo Tratado da Tríplice Aliança e acabaram totalmente com a pretensão do Paraguai. Foi uma guerra insana entre ex-colônias que sonhavam com a possibilidade de se tornarem metrópoles. Guerra que usou escravos, índios, mulheres, crianças e velhos, lutando em pântanos e alagadiços contaminados, onde muitos desses combatentes não morreram da guerra propriamente dita, mas de tifo, malária e cólera.

Desde a fundação da Colônia do Sacramento em 1680 até a invasão brasileira do Uruguai, a paz nunca reinou na Pampa. Portugal e Espanha jamais deixaram de lutar pelos seus interesses. Em 1810, o Paraguai tornou-se o primeiro país independente da região. A Argentina conseguiu sua independência em 9 de julho de 1816 e o Uruguai em 29 de agosto de 1828. De 1830 até o final do século XIX, houve uma série de conflitos-guerras de caudilhos, guerrilhas, guerras a cavalo e guerras de degolas.

O Brasil estava presente em todas elas. A Argentina, sob o comando de Juan Manuel Rosas, e o Uruguai, sob a direção de Frutuoso Rivera, iniciaram uma guerra que durou dez anos, terminando em 1851, deixando um saldo de 800 homens degolados. Em julho de 1851, Duque de Caxias, da província do Rio Grande do Sul, invadiu o Uruguai com 16 mil homens, derrubando Oribe, em outubro.

A Guerra do Paraguai começou com o Brasil tentando invadir o Uruguai para combater os freqüentes ataques às estâncias do Rio Grande do Sul. O ditador paraguaio, Solano López, decidiu, então, reagir à política expansionista do Brasil no Prata. Aprisionou um navio brasileiro em Assunção, invadiu o Mato Grosso e pediu autorização à Argentina para passar com suas tropas a fim de atacar o Rio Grande do Sul e o Exército Brasileiro que invadira o Uruguai, mas a Argentina não deu permissão. Ele, então, declarou guerra à Argentina.

Muito embora sendo menor, o Paraguai estava pronto para a guerra. Tinha 64 mil homens armados e 28 mil reservistas. O Brasil possuía 18 mil soldados; a Argentina, 8 mil e o Uruguai, apenas mil.

A Marinha Brasileira destruiu a paraguaia na Batalha do Riachuelo. Mas os paraguaios resistiram ainda por mais cinco anos. Após a destruição do Exército Paraguaio em Tuiuti, em 1866, o conflito se estendeu até a morte do líder paraguaio em 1870.

As tropas paraguaias eram formadas pelos descendentes dos guaranis, que no século XVII foram escravizados pelos bandeirantes paulistas. Os militares brasileiros saíram desse conflito fortalecidos e preparados para a república.

Os oficiais passo-fundenses que prestaram serviços na guerra contra o Paraguai são os seguintes: coronel Antonio de Mascarenhas Camello Júnior, tenente-coronel Francisco de Barros Miranda, major Nicolau Falkembach, major Cesário Antônio Lopes, tenente-coronel Ireneo José Topázio, tenente Benedito Pinto de Moraes, capitão Gaspar Xavier Teixeira, capitão João Luís dos Santos, tenente

Francisco José dos Santos, major João Cypriano da Rocha Loures, tenente Floriano José Rodrigues, capitão Lúcio da Silva Portella.

Além desses, que participaram da guerra, várias pessoas contribuíram com várias quotas em dinheiro para a compra de armas e munição, roupas e alimentos para vários familiares de soldados e outros pobres da região. Em consequência da feira na Província de São Paulo, aumentou no município a exportação de erva-mate e pedras preciosas, estimulando o crescimento do comércio.

Voltou com vida da Guerra do Paraguai apenas a quarta parte de soldados que marcharam para lá, porque a maioria teve a sua vida ceifada nos campos de batalha ou por epidemias. Felizmente, souberam honrar o nome de Passo Fundo e as tradições da pátria nessa cruzada do patriotismo brasileiro.

A Câmara Municipal da Vila de Passo Fundo rendeu um voto de gratidão aos que mais se destacaram. Foram eles: João de Freitas Noronha, João Cypriano da Rocha Loures, Francisco de Barros Miranda, Cesário Antonio Lopes e Ireneo José Topázio.

Data : 30/10/2001

Título : Homenagem a Iva Micalosky

Categoria: Artigos

Descrição: Basta um sorriso para incentivá-las. Basta um aceno para reagirem.

Homenagem a Iva Micalosky

ELISABETH SOUZA FERREIRA

Este trabalho faz parte da homenagem prestada a Iva Micaloski, quando da sua partida para Florianópolis, Santa Catarina, em nome de todos os alunos, funcionários, pais e professores da Escola de Danças Ballerine.

As estrelas pequeninas sentem-se perdidas na imensidão do palco e na escuridão da noite, sem a presença da estrela-mãe para iluminá-las e guiá-las, com passos firmes e seguros na direção correta. Mas, quando ela chega, basta um olhar, uma expressão, para saberem como estão se conduzindo.

Basta um sorriso para incentivá-las.

Basta um aceno para reagirem.

Basta um aplauso para se encherem de esperança.

Quando uma bailarina cai, lá está a mão amiga estendida, para levantá-la.

Quando uma bailarina tropeça, lá está o apoio, para que tente mais uma vez.

Quando uma bailarina chora, lá está o ombro amigo de que precisa para desabafar.

Quando uma bailarina desanima, lá está a palavra certa, na hora exata, para despertá-la.

Quando uma bailarina erra, lá está a professora vestida por inteiro de compreensão.

Quando uma aluna parte, um pedacinho de sua alma segue para longe.

Quando uma aluna retorna, seu coração palpita feliz.

Quando uma aluna chega, sua alma se expande.

Sem ela, parece que as coisas não funcionam.

Sem ela, parece que nada anda.

Ela, simplesmente ela, mesmo distante um pouco, estimula os saltos, as difíceis posições.

Quando uma bailarina dança, seu coração também dança. E o mundo inteiro parece dançar.

Quando uma bailarina sai de cena, o palco fica vazio, mas, por trás das cortinas que se fecham, fica um rastro luminoso de sementinhas prontas para germinar, no cenário da vida. Afinal, todos estamos cumprindo um determinado papel nesta existência. Uns têm mais jogo de cintura e se movimentam com mais facilidades; outros têm menos experiências e sofrem um pouco mais para aprender a se mexer. Mas, na verdade, todos estamos dançando algum tipo de música, mesmo sem perceber, encantando alguns e desagradando outros, talvez. Porém, o principal é sabermos que a vida é movimento, agitação, ansiedade, harmonia, equilíbrio e cansaço.

Querida Ivã!

Existimos, e, por isso, temos uma vibração que é característica nossa. Estamos vivos e amamos esta vida que tu nos ensinaste a tornar maravilhosa. Tu nos ensinaste a enchê-la de brilho e graça. Tu nos tiraste do anonimato e jogaste luzes coloridas sobre nossas cabeças. Tu acreditaste nas nossas potencialidades e nos permitiste desenvolvê-las.

Como é extraordinária a tua presença entre nós! Infelizmente subirás em outros palcos que o destino colocará a tua frente, mas nós jamais esqueceremos as tuas sagradas lições.

Seguiremos pelo pensamento os teus passos, e teremos certeza que nos acompanharão de perto o sucesso e as realizações que acontecerão em tua homenagem.

Todo o nosso carinho para ti!

Passo Fundo, outubro de 2001.

(Elisabeth Souza Ferreira é membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira 10, que tem como patrono Monteiro Lobato.)

Da Revista

Água da Fonte nº 2

Data : 30/06/2007

Título : Impermanência

Categoria: Artigos

Descrição: Tudo é impermanente. Os dias se alternam e nada do que acontece agora será exatamente igual logo mais.

Impermanência

ELISABETH SOUZA FERREIRA

Tudo é impermanente. Os dias se alternam e nada do que acontece agora será exatamente igual logo mais.

As crianças crescem, as flores murcham, a chuva cai, o sol brilha; chega o inverno rigoroso após uma temporada quente e abafada; edifícios são erguidos, enquanto outros sofrem implosões; uns nascem saudáveis enquanto outros morrem vítimas de doenças que não perdoam; pessoas se casam, enquanto outras se separam; alguns são demitidos, enquanto outros conseguem um ótimo emprego; alguns seres constroem equipamentos avançados, enquanto outros põem tudo a perder; uns lutam pela vida e pela paz, enquanto outros promovem a guerra e, com ela, o fim das esperanças.

Devemos aproveitar o valioso momento que temos para fazer o que precisamos. Não temos o direito de deixar para amanhã uma tarefa que precisa ser realizada hoje. Deixar coisas pendentes poderá se tornar um obstáculo a nossa evolução.

As oportunidades surgem e não devemos deixá-las escapar pelos vãos dos dedos. Pedir perdão; tentar reparar uma injustiça; dar mais uma chance; explicar sem pretensões de superioridade; falar sem alterar a voz; não agredir não perder a calma diante de um algoz, são algumas atividades simples, mas

úteis para a libertação final. Estamos falando que, às vezes, uma pessoa chega à etapa máxima da existência, mas por causa de orgulho e egoísmo, fica presa às coisas que mais detesta e não consegue se desprender.

Devemos treinar o desapego diariamente, porque nunca sabemos qual o momento de partir. Quanto mais apegados formos ao que temos, às pessoas e às coisas que julgamos nos pertencerem, tanto mais doloroso será o momento da despedida final. E essa despedida chegará inevitavelmente para todos nós.

(Elisabeth Souza Ferreira é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista

Água da Fonte nº5

Data : 15/05/2012

Título : Lua dos apaixonados

Categoria: Poesia

Descrição: Eu te bendigo, Rainha da Noite, Quando despontas majestosamente no céu,

7- Lua dos apaixonados

Eu te bendigo, Rainha da Noite,
Quando despontas majestosamente no céu,
Redonda, prateada e gigante,
Despertando as estrelas faiscantes
E cobrindo toda a escuridão com o teu mágico véu!

Eu te idolatro, Sol das Madrugadas
Porque costumavas acordar de mansinho
A inspiração dos poetas, que brinca de amor e carinho,
No sono sem sonhos

Das almas mais doces e apaixonadas!

Eu te venero, Manto Perpétuo de Prata,
Pela luz que estendes da montanha à mais distante estrada,
Promessa divina escrita no firmamento,
Com a tinta que cobre todo e qualquer sentimento
Da mais luminosa palavra, que aguarda o mais que perfeito entendimento!

(ELISABETH SOUZA FERREIRA)

Poemas para o Túnel do Largo da Literatura
Acadêmicas da Academia de Letras 15/05/12

Data : 31/12/2003

Título : Mensagem para ti

Categoria: Poesia

Descrição: Jamais estarás sozinha porque aonde quer que vás,

Mensagem para ti

Jamais estarás sozinha
porque aonde quer que vás,
aonde quer que estejas,
alguém estará contigo.

Muito embora nem sempre caminhando na mesma direção,
nem sempre trilhando os mesmos caminhos,
nem sempre permanecendo nas mesmas colinas da vida
alguém seguirá contigo.

Talvez não percebas porque muitos são
os rostos que o mundo te apresenta.
Muitos são os olhos que te vêem.
Muitos são os que te acompanham.
Milhares são os que te escutam as palavras.
Mas, atrás dos que hoje tu consideras teus leais companheiros de ideal,
existe um rosto mais ou menos familiar,
tentando tomar-se visível para ti;
existem olhos lacrimejantes de saudade
tentando te enxergar;
existem mãos diminutas, quase imperceptíveis,
tentando te afagar;
existem passos firmes e rápidos tentando te alcançar;
existe uma voz terna e suave tentando te sussurrar
algo que te toque no fundo o coração.

Alguém estará sempre batendo à porta da tua alma,
do teu santuário sagrado,
insistindo para entrar.

Não é Deus para dispor de ti e do teu destino,
mas alguém que te ama
suficientemente para te abençoar
e desejar-te somente o bem.

Não é egoísta para te prender,
porém é compreensivo para te dar
liberdade de pensar e agir;
não é autoritário para te exigir mudanças,
todavia te aceita do jeito que realmente és,
sem esperar nada em troca.

Não existe distância que te separe
de alguém que estará eternamente ligado a ti,

posto que és uma faísca dessa grande chama.

Um dia esse alguém que te ama muito foi apenas tua mãe.

Hoje é mais um anjo na eternidade a velar por ti.

Da revista

Água da Fonte nº 0

Data : 30/04/2001

Título : O homem e sua Própria Luz

Categoria: Artigos

Descrição: Conhece-se um homem pelos seus feitos.

O homem e sua Própria Luz

Conhece-se um homem pelos seus feitos.

Cada obra revela o cunho de quem a produz.

Dependendo da índole de cada um o bem ou o mal prevalece, exteriorizando-se de alguma maneira.

Boas ações partem de um coração generoso.

Desentendimentos e agressões traduzem um íntimo carregado e perverso.

O egoísta só enxerga a si mesmo refletido no espelho da vida. O generoso, entretanto coloca-se provisoriamente no lugar dos outros para não ler que julgar sem piedade.

O covarde foge levemente das situações mais embaraçosas, agravando ainda mais os seus problemas, o corajoso, no entanto, enfrenta sem temor os obstáculos que lhe são apresentados para evitar transtornos de complicações futuras.

O hipócrita vive de aparências, edificando o seu mundo nas bases insólitas da opinião alheia, a fim de atender muito mais às expectativas dos outros que a sua própria. A pessoa de bom senso, porém, acolhe as dificuldades como uma

oportunidade de crescimento e não desperdiça seu tempo com preocupações que nada constroem.

O falso encobre seus reais sentimentos com o pretexto de atingir os seus objetivos a qualquer preço. O sincero, todavia, abre seu coração.

O orgulhoso se julga superior a ludo e a todos, colocando-se num pedestal aparentemente inatingível para os que vivem num mundo diferente do seu. O simples, contudo, não complica as relações, não cria barreiras nem ergue muros.

O fraco melindra-se por qualquer razão e, mesmo sem entender suas próprias fraquezas, justifica o que lhe vem na alma como obra perfeita do destino. O forte, apesar de todas as vicissitudes da vida, não se deixa abater por coisa alguma e, começa hoje mesmo a preparar o próprio amanhã.

A pessoa má não se importa de cravar espinhos ao longo da estrada por onde caminha, uma vez que seus pés não experimentaram ainda a dor de caminhar descalça. O bom, mesmo longe da perfeição, quando comete um erro, faz todo o possível para consertar o que estragou e, sempre consegue algum resultado positivo.

O irresponsável não assume o que faz, jogando a culpa dos seus erros sobre aqueles que lhe convém derrotar. O homem de caráter vence qualquer constrangimento, aceita críticas construtivas e enfrenta as dificuldades com a cabeça erguida.

O desleal é aquele que quer agradar a todos e que acaba não agradando a ninguém. O amigo de verdade é aquele que se coloca inteiramente à disposição do outro para ajudá-lo a levantar-se, quando caído, e a caminhar, quando suas pernas, se recusam, tímidas, a dar os primeiros passos em alguma direção.

O ingrato é aquele que esquece a mão que lhe sustentou, o ombro amigo onde chorou e o apoio incondicional que lhe auxiliou nos períodos mais difíceis. O homem dotado de gratidão não dá as costas para quem lhe serviu e não tem fingimento para com quem se diga seu amigo.

O invejoso é aquele que não enxerga as suas capacidades e, por isso mesmo, nada faz para desenvolvê-las. O bom de coração busca sua própria riqueza interior e cresce dia a dia através de suas conquistas.

O pobre de espírito é aquele que não cuida dos próprios passos porque investe toda a sua atenção nas pegadas dos que lhe estão á frente.

(Elizabeth Souza ferreira é membro titular da Academia Passo-fundente de Letras, cadeira 10, que tem como patrono o escritor paulista Monteiro Lobato.)

da revista

Água da Fonte nº 1

Data : 31/05/2011

Título : O príncipe e a rosa

Categoria: Artigos

Descrição: Eu existia, mas não tinha consciência do meu existir. Não nos apercebemos que estamos vivos até o momento em que somos notados por alguém.

O príncipe e a rosa

ELISABETH SOUZA FERREIRA

Eu existia, mas não tinha consciência do meu existir.

Não nos apercebemos que estamos vivos até o momento em que somos notados por alguém.

Sozinhos é como se não fôssemos reais. Com os outros, deixamos de ser simplesmente sonhos. Passamos da fantasia para a realidade.

Eu só despertei do imaginário, quando alguém me acordou.

Vi que estava em meio a uma grande roseira de lindas rosas cor-de-rosa e que eu era uma rosa, tão bela quanto as demais.

Muitos passavam por nós. Mas somente um se deteve a nos observar. Seu olhar pousou em mim detalhadamente, e foi aquela observação minuciosa que me fez estremecer para a vida. Era como se ele houvesse me escolhido no meio de tantas outras igualmente vivas.

Seus olhos fizeram-me sentir única. Algo em mim tocou o seu coração. Algo nele mexeu comigo, embalando-me de entusiasmo. Vibrei. Havia sido escolhida. Já não pertencia mais àquele jardim nem àquela roseira. Seu olhar atento havia me tirado do chão. Agora, eu fazia parte do mundo. Do grande universo cuja orquestra é regida pelo grande Arquiteto.

Por instantes, criei asas e voei. Por segundos, percebi que estava plena de uma energia pura que me levava cada vez mais para o Alto, que me fazia cortar as nuvens sem medo e me aproximar cada vez mais do sol, sem me queimar. Enchi-me de luz e voltei. Sentia-me como algo imenso flutuando sem parar. Não era mais uma flor qualquer. Um sentimento havia nascido dentro de mim. Inexplicável, Forte, Doce, Suave. Uma vontade de acariciar todos os que estavam lá embaixo. Um poder de levantar o que estivesse caído. Uma força capaz de restaurar o que estivesse partido. Mas, pouco a pouco, descendo, cheguei às mãos daquele que, agora, me segurava firmemente. Não havia nada

igual. Nenhuma sensação era melhor que aquela. Estava viva. Eu era alguém. Eu pertencia a alguém.

O ser de luz havia me cativado com o seu olhar carinhoso. Havia me soprado bondade no coração que eu nem sabia que batia aqui dentro e de maneira tão intensa.

Foram seus olhos que me fizeram bela.

Foram suas mãos que me salvaram de morrer no anonimato, junto com as demais que se despetalam com o passar dos dias e o rigor do clima.

Foi assim que nasceu o amor. Meu pequeno grande príncipe havia me cativado para sempre. Agora éramos um só.

Da Revista

Água da Fonte

31/05/2011

Data : 31/05/2011

Título : O voo do condor

Categoria: Poesia

Descrição: Não somos números perdidos no meio da multidão. Não somos folhas que o vento leva.

O voo do condor

ELISABETH SOUZA FERREIRA

Não somos números perdidos no meio da multidão.

Não somos folhas que o vento leva.

Não somos grãos de areia que o tempo carrega para longe.

Não somos ondas que o mar empurra para onde bem entender.

Somos criaturas vivas com o dom divino de criar. E o maior sinal de vida é o amor.

Quem ama acende uma luz em si mesmo.

Engata a marcha para ir mais além. O amor é mágico. Faz-nos alçar grandes vôos, sem medo de cair. Joga-nos para o alto com segurança. O amor é o combustível da alma.

Voamos com os pássaros, usando as asas da imaginação. Passamos a olhar tudo sob uma nova perspectiva.

O cume da montanha já não parece tão inacessível.

Nossa visão fica mais clara, afugentando as sombras.

As pedras já não têm mais o mesmo poder de nos fazer tropeçar.

Os muros caem. As barreiras vão sumindo.

Os problemas vão-se afastando, perdendo a importância para nós.

O amor nos preenche de tal forma que nos basta. Parecemos não precisar de mais nada.

Enche-nos de paz. Desperta-nos a alegria.

Faz-nos pular de felicidade. Faz-nos suspirar e sonhar; sonhar e suspirar. Sentimos-nos completos, unos com a natureza, unos com o Criador.

Nossa voz se torna mais melodiosa. O sorriso nasce mais fácil.

Ficamos mais pacientes, sensíveis para ouvir. No entanto, mais corajosos para agir.

O amor é força que produz. Suas lembranças são orações. Seus sonhos de hoje são projetos para o amanhã. Suas sensações de agora são pinceladas de luz em sua própria história.

Quem ama se assemelha ao condor. Voa mais alto. Voa sem parar. Nada consegue detê-lo. Ele se liberta das coisas insignificantes ramo ao infinito, porque o amor é sinônimo de liberdade. Amar é voar. É ser livre.

Da Revista

Água da Fonte

31/05/2011

Data : 30/04/2012

Título : Oração do gaiteiro

Categoria: Poesia

Descrição: Patrão do Céu, abençoa este gaiteiro que Te chama, Através do dedilhar desta velha gaita que geme e suspira,

Patrão do Céu, abençoa este gaiteiro que Te chama,
Através do dedilhar desta velha gaita que geme e suspira,
Inspirado no minuano que sopra com a força de quem mais ama,
Transformando em prece a melodia doce que cria.

Patrão do Céu, abençoa este gaiteiro jovem que se esforça para aprender,
No balanço agitado que insinua um falso conhecer
Das notas benditas, que toca com a emoção que faz bater o pé,
De um lado para o outro, se entesa e se inclina,
Enquanto que a todos, aos poucos, encanta e fascina!

Patrão do Céu, abençoa este velho gaiteiro que,
já cansado pelas lides campeiras,
Mal consegue segurar o próprio acordeão.
Com os dedos calejados e as costas curvadas para a frente,
Nas tuas mãos entrega, com a consciência tranquila,
Embrulhado num fi no lenço,
O próprio coração!

Patrão do Céu, abençoa toda a nossa gente, a nossa querência amada,
Estes peões e prendas espalhados por esta terra abençoada,
Para que a tradição gaúcha nunca deixe de existir,
nem agora nem num distante porvir;
E que a gaita seja sempre a nossa oração,
O canto de louvor a Ti, Patrão do Céu,
Nosso modelo eterno de paz e gratidão!

(Elisabeth Souza Ferreira é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/04/2012

Título : Outono da vida

Categoria: Artigos

Descrição: Não te acomodes em frente ao computador, à televisão ou simplesmente à leitura do jornal que te chega todos os dias.

ELISABETH SOUZA FERREIRA

Não te acomodes em frente ao computador, à televisão ou simplesmente à leitura do jornal que te chega todos os dias. Aproveita para caminhar, enquanto podes, subir e descer escadas, correr, andar de bicicleta, passear de elevador, dar uma volta na praça ou à beira-mar. Dá uma olhadinha no pôr-do-sol, no crepúsculo, nas ondas gigantes que quebram na beira da praia, nas conchinhas, nas criancinhas e nos velhinhos que, também, seguem vivendo e te observando.

Não te aprisiones dentro do próprio lar. Por mais que gostes de tudo o que tens, não te deixes prender por nada ou por ninguém. Começa, desde já, a te desprenderes dos teus bens e das pessoas que te são caras. Um dia terás que deixá-las para trás e elas terão que se acostumar com o teu afastamento.

Não te entregues à depressão, às lembranças do passado, à juventude perdida ou ao tempo desperdiçado. Volta os teus olhos para o dia de hoje, com tudo o que ele tem para te oferecer. Presta atenção ao sol que nasce ou à chuva que cai, ao calor que faz suar ou ao frio que faz a pele arrepiar, ao latido do cãozinho ou ao canto do passarinho, à música que toca na casa do vizinho, ao ônibus que passa transportando gente, às notícias da rádio e ao cheiro da comida que vem de longe para te entusiasmar.

Não te consideres insignificante ou esquecido pelos amigos. Sempre haverá pessoas que partirão antes de ti. Assim como um dia partirás, deixando outras com saudade.

Não te sacrifiques por compaixão ou pela vaidade que te faz supor insubstituível. As coisas continuarão existindo mesmo após uma inesperada perda. As pessoas que julgas frágeis não ficariam tão desamparadas como imaginas, se deixasses de ampará-las. Diante de uma pressão muito forte, a fragilidade cede lugar à resistência, despertando uma coragem sem igual.

Não jogues fora o teu precioso tempo, cultivando complexos de inferioridade. Ninguém precisa ser bonito para ser feliz nem elegante para ter um bom emprego. Nem a juventude para ter um bom desempenho. Nem riqueza para ter verdadeiros amigos. Nem dinheiro para ter talento. Aproveita para te mostrares do jeito que és. Quanto mais espontâneo e sincero fores, mais chances terás de conquistar a simpatia dos demais.

Não fujas do amor. Há amores que surgem na mocidade. Outros na meia-idade. Outros, ainda, no começo do outono, quando parece que não tens mais atributos físicos – quando as folhas estão caindo e os galhos secando. Quando já não olhas mais para ninguém porque os teus olhos nem brilham mais por coisa alguma. Nessa altura, tens, apenas, a ti mesmo – tua alma com todo o teu conteúdo de experiências, valores, amores, talentos, dons, senso de humor, sabedoria, paciência, calma, educação, caráter, princípios. Quando o deserto

Íntimo parece não ter mais nenhum oásis para oferecer a quem tem sede e te procura.

Quando manténs os espinhos à mostra na expectativa de se defender dos ataques alheios. Quando desconfias da própria sombra, das palavras que, às vezes, te fogem quando precisas dizer algo importante e da memória que falha quando menos esperas. Quando a tua saúde fica comprometida, a imunidade baixa, as dores que surgem, repentinamente, a incapacidade física e os fortes abalos emocionais que te deixam abatido. Quando estás vivendo em meio à frieza que enregela o coração, convivendo com pessoas que te decepcionam porque te ferem no ponto em que mais gostarias de ser poupado; pessoas que te evitam olhar nos olhos, que te consideram ultrapassado, que não te valorizam mais; que acham que o teu lugar é numa cadeira de balanços ou em frente à televisão. Que pensam que não precisas de mais nada para viver e que tens obrigação de sustentá-las com a tua aposentadoria.

Não aceites a companhia da solidão que te faz falar sozinho, resmungar baixinho, chorar quietinho e te condicionar a essa forma de viver. Não uses medicamento para dormir.

As pessoas maduras não necessitam de tantas horas de sono, porque já dormiram muito na vida. Agora, aproveita o tempo em que estiveres acordado para observar mais, aprender mais e a falar mais. Se em meio a tudo isso, receberes a visita do amor, não te esquives.

Abra os braços para acolhê-lo. Abra os olhos para vivê-lo. Levanta e vai ao seu encontro. Ele é a bênção que esperavas há tanto tempo. E a oportunidade de ser feliz um tanto mais. É a chance de voltar a se sentir vivo e confiante. É a alegria que julgavas ter perdido. É a emoção que te fará renascer no paraíso. É a mola propulsora que te fará empreender novos e emocionantes voos na direção de uma realidade mais plena e feliz.

Ele te fará escalar altas montanhas. Ele te curará de enfermidades que existiam somente no teu psicológico. Ele te colocará em pé para a vida. Ele te fará atravessar horizontes desconhecidos e mágicos, repletos de luz. Ele dará sentido e valor a tua existência, antes considerada pequena demais. Ele te transformará num grande homem, o homem mais completo e sábio, feliz e cheio de paz que somente um coração que vive em plenitude consegue conquistar.

Ninguém tem o direito de te reprimir os sentimentos. Extravase-os à vontade. É a tua última oportunidade de viver a vida em plenitude, de enfeitar o teu coração com as cores do divino, de abençoar os anos que tens pela frente e que poderão não ser tão poucos como imaginas. Deus te responde de várias maneiras. No entanto, o sinal mais perfeito de Se mostrar a ti é através do amor. Ama intensamente. Sem preconceito. Sem medo. Sem constrangimento. Sem pensar. O amor é emoção. Não caminha com a razão. Ele está acima de tudo.

Portanto, mesmo que não o compreendas, segure-o firme. Ele é a bengala com que te apoiarás. Ele é a ponte que atravessarás para a outra margem em segurança. Ele é o apoio espiritual que manterá a tua dignidade em pé diante da vida. Ele é a luz que iluminará a tua trajetória rumo ao desconhecido. E ele é a tua recompensa maior por tudo que suportaste até hoje em nome da tua própria evolução.

(Elisabeth Souza Ferreira é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/08/2011

Título : Palavra da Presidente da Academia Passo-Fundense de Letras

Categoria: Artigos

Descrição: A Academia Passo-Fundense de Letras tem promovido, nos últimos anos, a realização de Concursos Literários voltados aos alunos das Escolas Municipais e Estaduais...

A Academia Passo-Fundense de Letras tem promovido, nos últimos anos, a realização de Concursos Literários voltados aos alunos das Escolas Municipais e Estaduais, bem como dos Colégios Particulares de nossa cidade. Visa com isso uma aproximação maior entre os escritores locais e os escritores em potencial, que se encontram distribuídos nos mais diferentes estabelecimentos de ensino.

É na idade escolar que despontam os grandes talentos. Sabedores disso, os acadêmicos estão em busca dos jovens que gostam de escrever; que se destacam entre os demais pelas ideias próprias que cultivam e que se esmeram em produzir textos de significativo valor.

A criança que rabisca hoje numa folha de papel, e o adolescente que agora digita os seus sonhos e os seus sentimentos no computador, poderão trazer dentro de si a semente que transformará a fantasia em realidade, bem como o desejo de desenvolver a escrita e a arte de apresentar num futuro próximo, uma nova obra publicada. É assim que nasce um escritor.

A Academia Passo-Fundense de Letras não quer apenas ter a fama de possuir em sua fachada a porta mais alta do interior do Estado, mas, principalmente, ser “a Porta” que se abre a todos os que tiverem vontade de viver a arte da literatura e “o Farol” que ilumina e aponta o caminho certo, para os que navegam sem rumo, sem saber por onde começar.

O presente livro foi organizado a partir dos textos e poemas de alguns alunos que tiveram a coragem e a determinação de mostrar ao público os seus trabalhos, inscrevendo-os no IV Concurso Literário da APL, lançado no início desse ano, homenageando Rachel de Queiroz.

Parabéns a todas as escolas que participaram; a todos os mestres que incentivaram, a todos os pais que compreenderam o objetivo deste Concurso e a todos os alunos que concorreram.

Desejo sucesso aos escritores iniciantes do presente, que poderão vir a ser alguns dos grandes escritores do amanhã.

Elisabeth Souza Ferreira

Presidente da Academia Passo-Fundense de Letras

Passo Fundo, agosto de 2011

Data : 25/11/2014

Título : Sacolas e sacolões

Categoria: Artigos

Descrição: O ônibus estava lotado. Era a hora do pique. Todos estavam ansiosos para chegar em casa. Não havia lugar nem mais para respirar ali dentro.

O ônibus estava lotado. Era a hora do pique. Todos estavam ansiosos para chegar em casa. Não havia lugar nem mais para respirar ali dentro. As janelas foram abertas e o ar morno daquele final de tarde pareceu esquentar ainda mais o interior do coletivo urbano. A fumaça das fábricas invadia o ambiente, tornando-o insuportável. O som das buzinas, ao longo da avenida, interrompia a conversa dos colegas que tentavam trocar ideias em meio àquele sufoco.

Uma pedra de tamanho médio, vinda da rua, acertou em cheio o ouvido esquerdo do motorista, provocando-lhe um grave ferimento na cabeça. O sangue escorreu-lhe abundantemente, ensopando assim a camisa branca do uniforme. Apesar do abalo sofrido, não interrompeu a sua marcha lenta, acompanhando o trânsito engarrafado. Um garoto que transportava um engradado de refrigerantes resolveu abrir uma garrafa e despejar o líquido sobre o chofer, a fim de limpá-lo um pouco. O homem, agradecido, puxou do bolso uns níqueis e passou-os ao menino.

De repente, uma carroça cortou a frente do ônibus e, se não fosse a habilidade do motorista, iriam todos para o brejo. O freio foi puxado e os passageiros em pé caíram uns por cima dos outros. Pragas intermináveis foram ouvidas. O cobrador recebeu uma baforada de cigarro em pleno rosto, o que embaçava ainda mais os óculos empoeirados. Tossiu, tossiu e tossiu. Finalmente, acabou vomitando pela janela.

Enquanto isso, muitos passaram pela catraca sem efetuar pagamento e ele não pôde ver quais os elementos safados que tinham aproveitado seu desarranjo biliar.

O ônibus parou novamente.

– Desce, desce! – gritaram em coro, os passageiros. Infelizmente, ninguém desceu. Ao invés disso, subiu uma mulher carregada de sacolas e sacolões. Todos se espremeram para que ela pudesse passar.

Um gaúcho que se encontrava ali começou a cantarolar uma cantiga machista. A matrona, sentindo-se ofendida, dirigiu-se a ele com nojo:

– Somente um cavalo tem o dom de ver em toda fêmea, uma égua. E ainda é preferível ser égua a cavalo, porque a égua dá cria e o cavalo só dá coice.

As mulheres que estavam apertando-se umas às outras, aplaudiram a valente cidadã e, puseram-se a vaiar o machão metido à besta. O coitado foi levado de roldão para fora do coletivo urbano, tendo sua camisa rasgada e sua gravata arrancada.

Desde então, nenhum homem desrespeitou a nobre mulher e todos seguiram sossegados a trajetória do dia. O ônibus continuou levando consigo a lição que entrara para nunca mais sair.

Data : 31/07/2005

Título : Senhor Jesus!

Categoria: Poesia

Descrição: Quando a saudade bater bem forte. Às portas do meu coração, lembra-me ...

Senhor Jesus!

Quando a saudade bater bem forte. Às portas do meu coração, lembra-me que preciso de mais coragem para suportar a dor da ausência, porque não existe tortura maior para a alma do que ficar distante do ser amando.

Quando a vida perder o significado para mim, parecendo efêmera e sem graça, lembra-me que necessito de mais amor para colorir os caminhos da minha existência, porque não existe insegurança maior do que ficar tateando no escuro, à procura da tua luz!

Quando o desânimo tomar conta de mim, paralisando-me as forças, lembra-me que preciso de mais fé para levantar a cabeça e seguir em frente, porque não existe derrota maior do que a confissão de que não vale mais a pena lutar.

Quando a vaidade tentar impedir a visão de que eu realmente sou, lembra-me que necessito de mais sabedoria para entender que a minha pequenina alma é apenas um pedaço da tua grande alma, porque não existe ignorância maior do que considerar o mundo um lugar desprovido de paz e de amor.

Da revista

Água da Fonte nº 3

Data : 30/11/2012

Título : Sou um peixe

Categoria: Artigos

Descrição: Sou um peixe pequenino, a nadar sozinho no imenso mar da Vida. As águas profundas me atraem e seduzem.

ELISABETH SOUZA FERREIRA

Sou um peixe pequenino, a nadar sozinho no imenso mar da Vida. As águas profundas me atraem e seduzem. A cada instante, me deparo com coisas novas que nem pensei que existissem. Plantas aquáticas de rara beleza. Algas marinhas. Pedras. Pérolas. Ostras. E uma infinidade de outros peixes iguais a mim, ou totalmente diferentes.

Minha natureza me dá uma energia que não me permite parar. Estou sempre nadando em busca de algo melhor: Paz. Nadar é algo mágico para mim. É como sonhar. Viver flutuando numa realidade encantadora, cheia de esperança e luz.

Sem claridade interior, não se tem a dimensão exata do que nos cerca. Não me deixo guiar pelos sinais apontados pelo distante farol. Tenho uma lâmpada dentro de mim. Minha consciência me ilumina, aquece, e me permite ver além do que os meus olhos enxergam. Funciona como uma lanterna. Por mais que esteja em dimensões escuras e sombrias, consigo identificar o perigo ameaçador e, também, o abrigo seguro que me garante instantes de felicidade.

A existência não pára. Está sempre se transformando. Mudando sem medo. E sem piedade. Não me detenho em parte alguma. Não me prendo a nada. Sou sinônimo de liberdade. Ir e vir. O mar é o infinito. Posso construir um lar. Mas não me apego a casa alguma.

Posso ter milhares de outros peixinhos. Mas eles já nascem livres. Podem se deslocar livremente, tanto quanto eu. Por isso, não me apego aos filhos. Posso conduzi-los pelo bom caminho. Porém, não posso obrigá-los a seguir o mesmo rumo escolhido por mim. A escolha é individual, apesar da orientação ser coletiva. Posso colecionar um pouco de cada coisa que encontro por onde viajo.

Amar cada molusco, cada pedaço de conchinha encontrada no fundo do mar, cada grãozinho de areia, cada pedrinha estranha... Todavia, não me prendo aos bens materiais. Não posso carregá-los.

Eu vou para onde quiser. Mas eles ficam. Porque, na verdade, nada daquilo que eu considero meu, é realmente meu. Tudo o que existe dentro da água pertence ao oceano. Inclusive eu. Todas as outras coisas existentes não são minhas.

Portanto, meu é tão somente aquilo que eu posso carregar comigo. Minha consciência. Minha vida. Minha alma. Meu verdadeiro Eu, que não deixará de existir, por mais que a minha pele venha a cair na rede de um mal-intencionado pescador.

Aparentemente, deixarei de existir. Mas a minha paixão pela vida continuará firme, nadando invisivelmente por aquelas águas que tão bem me conheceram e mais além... Por isso, não me prendo a nada. Tudo é passageiro.

Gosto de companhia. Mas de uma boa companhia. Que me dê segurança e proteção. Se for para conviver com alguém instável, prefiro nadar sozinha.

Por mais que eu seja sensível, sou forte. Detesto covardia. Tenho coragem para prosseguir, mesmo em direção ao desconhecido. Se for preciso abandonar tudo o que sempre tive para ser feliz, eu largo mesmo. Sem dúvidas. Sem remorsos. Porque tudo o que faço é feito com amor e por amor. Jogo-me com total confiança em mim mesma, para encontrar os meus objetivos. Não vejo obstáculos no fundo do mar. Se houver algo no meu caminho, desvio o problema. Contorno a situação. E sigo em frente. Não sou caranguejo que dá um passo para a frente e dois para trás.

Nado alegremente. Adoro ter liberdade para fazer o que gosto, o que quero, e do meu jeito totalmente particular. Se desejo passar pelo buraco de uma pedra, para alcançar as águas que estão atrás dela, insisto muito, mas não costumo perder tempo com as dificuldades.

Minha paciência tem um limite certo. Se me aborrecer ou cansar, dou meia volta e sigo em outra direção. E não volto nunca mais ali. Esqueço as tentativas inúteis. Penso nas metas mais prováveis de atingir. Amo a minha vida.

E não me detenho. Nunca. Porque parar significa morrer. Viver é o meu símbolo. O meu lema.

(Elisabeth Souza Ferreira é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/11/2004

Título : Tributo a um Professor

Categoria: Artigos

Descrição: Na minha infância, lembro bem, passava freqüentemente pela Rua Moron, onde funcionava o gabinete dentário do dr. Antônio Pretto...

Tributo a um Professor

ELIZABETH SOUZA FERREIRA

Na minha infância, lembro bem, passava freqüentemente pela Rua Moron, onde funcionava o gabinete dentário do dr. Antônio Pretto, e olhava, curiosa, para o muro lateral, que separava aquela casa de uma outra, e ostentava, em letras garrafais, os dizeres: "Leciona-se: Inglês, Francês, Espanhol, Italiano e Alemão".

Aquilo me chamava a atenção e eu ficava a imaginar quem seria o genial professor, tão culto, que conhecia tantos idiomas. Disseram, certa vez, que se tratava de um homem, de nacionalidade alemã, que residia havia anos no Brasil. Chamava-se Juan Pedro Ottenstein. O nome pomposo aguçara-me ainda mais a curiosidade juvenil, despertando-me também a vontade de falar a língua de outros povos. Ali, diante de mim, começara a funcionar o primeiro curso de idiomas que Passo Fundo conheceu: o Yázigi, cujo diretor era justamente o genial professor em questão.

Quis, no entanto, o destino, que eu não o conhecesse naquela época, uma vez que acabei sendo matriculada na Escola Fisk, que surgiu um tempo depois, na Avenida Brasil.

Observava, porém, e sempre que podia, ao longe, aquele homem baixinho, com um elegante chapéu na cabeça, óculos pequenos e uma pastinha de couro sempre à mão. Seguia silencioso o seu caminho e retirava o chapéu, educadamente e em sinal de respeito, aos conhecidos que encontrava pela rua.

Os anos se passaram, desde o meu tempo de menina até a época de entrar para a faculdade, onde, pela primeira vez, tive a felicidade de conhecer de perto a figura encantadora que sempre me cativara, e cuja expectativa de vê-la tanto me castigava. Era o professor Juan Pedro. Ele nos dava aulas de História da Arte e jamais esquecerei a maneira incomum com que nos tratava.

Pude constatar que ele não só conhecia vários idiomas, mas era dono de uma cultura muito vasta, dado às viagens que havia feito pelo mundo. Contava-nos que havia conhecido pessoalmente Eva Perón, durante sua permanência na Argentina, onde residiu por muitos anos. Um dia, em visita à Casa Rosada, tomara chá com Evita, prenda que ela mesma desenvolvera. Contou-nos tudo sobre aquela mulher maravilhosa e humana.

Chegar, assim, a conhecer um homem culto que estivera em presença de personalidades tão ilustres era uma honra para mim, menina humilde, e para nossa turma toda, pois nos fazia orgulhosos.

Concluído o curso, resolvi dedicar-me ao comércio livreiro. Gostava de ficar à porta, para apanhar o sol da manhã. Um dia, quando menos esperava, recebi a

visita do meu ex-professor Juan Pedro. Suas visitas tornaram-se frequentes e iniciamos, assim, uma grande e bela amizade. Pude constatar tratar-se de um homem espiritualizado, sempre em busca de conhecimentos mais profundos a respeito da alma humana. Era um homem extremamente bondoso e não tinha maldade alguma em seu generoso coração.

Quando ingressei na Academia Passo-Fundense de Letras, lá estava o querido professor Juan Pedro. Era meu confrade. E, a convite dele, passei a freqüentar a Cultura Artística. Privilegiada, pude vê-lo tocar piano, violino e flauta.

Juan Pedro foi um dos homens mais cultos e brilhantes que conheci. Depois de muitos meses sem vê-lo, fui surpreendida com a notícia de seu falecimento. Não pude sequer despedir-me dele, como tantos outros, só soube de seu desenlace físico uma semana depois do fato ocorrido.

Enfim, ele se foi. Deixou para trás sua esposa, Odete, e duas filhas, Rafaela e Ana Cecília. Além de muitos amigos, é claro. Sei que o mais correto seria homenagearmos os entes queridos ainda em vida. Não pude fazê-lo em tempo, porém. Como um consolo, então, faço-o agora: nossa Academia e eu somos-lhe gratos, velho mestre, pelo privilégio de termos tido lugar tão nobre, como era o seu coração. Muito obrigado, e que a paz do Senhor o acolha noutras dimensões!

(Artigo originalmente publicado em O Guarani, ano 1, n.9 2, p. 6, junho/julho de 1997.)

Da Revista

Água da Fonte nº 2